

O REPERTÓRIO E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CANTO CORAL INFANTO- JUVENILCAVALCANTE, Ana Carolina Manhães De Oliveira.¹MULLER, Cristiane.²

RESUMO: *Esta pesquisa, parte de minha monografia de conclusão de curso, discutiu sobre os critérios na escolha de repertório para canto coral infanto-juvenil, tendo como proposta a acessibilidade ao canto para crianças e adolescentes de forma condizente com a sua maturidade musical e vivência social, afim de que esta prática seja significativa à realidade dos coristas. A metodologia usada foi a qualitativa, por se tratar de uma coleta de dados realizada através de questionário com quatro regentes, sendo três de escolas regulares e um de coro jovem universitário, afim de buscar informações precisas na condução dos regentes nas suas práticas de ensaio e escolhas das peças musicais. Para a análise dos dados os assuntos foram separados em cinco grupos, onde procuramos dialogar sobre: a postura do regente quanto à entrada de cantores no grupo; os critérios para a escolha de repertório infanto-juvenil; o nível de identificação do grupo quanto às peças escolhidas; a função do regente no contexto social onde o coro está inserido e a condução dos relacionamentos interpessoais. Concluiu-se que a maioria dos regentes escolhem peças em uníssono, não se preocupando com a desafinação dos cantores na escolha do repertório, que tem como característica estilos musicais variados e muitas vezes com bom nível de identificação por parte do corista. Na questão dos relacionamentos interpessoais, ficou claro que o regente é responsável, através da sua condução, por manter um ambiente de cordialidade e respeito, onde todos entendam que precisam respeitar o outro, cada qual com suas limitações, visando o crescimento do grupo.*

PALAVRAS CHAVE: Canto Coral. Ensaio. Repertório. Relacionamento Interpessoal.

¹ Bacharel em Música, com ênfase em Canto Popular na UNIVALI. Texto parte da monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Música – Ênfase em Canto pela Universidade do Vale do Itajaí.

² Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música da UNIVALI.



ABSTRACT: *This research, parts of my course completion monograph, discussed the criteria of choice of repertoire for infant-juvenile's choir, having as proposed accessibility to the singing for children and adolescents in a manner consistent with their musical maturity and social life in order that this practice will be significant to the reality of choristers. The methodology used was qualitative, because it is a data collection conducted through a questionnaire with four conductors, being three from regular schools and one from a young college choir, in order to get accurate information in the conducting in their testing practices and choices of musical play. For data analysis, the subjects were divided into five groups, where we try to talk about: the conductor posture on the admission of singers in the group; the criteria for choosing the repertoire for the infant-juvenile; the group identification level as for the chosen pieces; the role of the conductor in the social context, where the choir is inserted and the conducting of interpersonal relationships. It was found that most of the conductors choose pieces in unison, not worrying about the detuning of the singers in the choice of repertoire that is characterized by varied musical styles and often with good level of identification by the chorister. On the interpersonal relationships issue, it was clear that the conductor is responsible through his conducting by maintaining a warmth and respecting environment, where everyone understands that they need to respect each other, each one with their limitations, aimed at the group growth.*

Keywords: Choir. Rehearsal. Repertory. Interpersonal Relationship.

1. Introdução

O canto tem o poder de fazer um jovem se sentir criança quando ele canta ou simplesmente ouve uma canção aprendida na escola, no rádio ou na igreja. Esta mesma arte tem o poder de tirar lágrimas de adultos e idosos que entoam ou simplesmente caminhando no seu dia-a-dia, ouvem uma canção que marcou a sua história, sua juventude, seus amores, suas crenças, sua identidade política como cidadão, sua casa paterna, enfim marcou a sua vida.

Optei pelo tema focando na escolha de repertório para coral infanto-juvenil, pois acredito que o coro é uma forma de introduzir a prática musical na vida das pessoas. Quando bem planejada e conduzida, esta é uma atividade que gera no corista uma vivência que contribuirá na sua prática artística. O canto coral não exclui, mas sim tem o poder de incluir, pois conforme Lakschevitz (2003), o coral mostra à criança que para cantar ela precisa do outro, mesmo vendo as diferenças que existem. Recebendo e dando apoio ao colega, aprende desde a infância que podemos ter liberdade com responsabilidade.

Atualmente a atividade de canto está acessível a comunidades e grupos em geral. Assim, esta pesquisa buscou compreender quais critérios ajudam o regente na escolha de repertório de forma condizente com o perfil dos coristas (musical e social). Para a análise dos dados, um questionário direcionado a quatro regentes de grupos de crianças e adolescentes, foi o meio de constatar e buscar informações sobre o que está sendo feito atualmente no cenário regional do canto coral, pois a troca de experiências reflete o seu cotidiano, afim de chegarmos à elaboração destes critérios.

No referencial teórico veremos o parecer de regentes experientes e conhecidos no panorama do canto coral no país que já escreveram sobre a condução de seus grupos, a sua influência na comunidade e os critérios para a escolha de repertório. Como referência principal cito a revista Ensaio- olhares sobre a música coral brasileira (2003), onde consta uma entrevista com Elza Lakschevitz, na sua condução frente ao coro Curumim, outra com Nestor de Hollanda Cavalcanti, diretor musical dos grupos Cobra



Coral e Garganta Profunda, relatando a sua vivência com Marcos Leite, um artigo de Sérgio Figueiredo sobre a postura do regente e uma carta ao canto coral do regente Samuel Kerr.

Sobreira (2003) afirma que, “para uma pessoa ser classificada como afinada, não basta apenas saber cantar um trecho de uma música sozinha, mas ela precisa perceber os sons propostos no coletivo, soando os sons (alturas, intervalos) condizentes com o pedido para o grupo” (2003, p. 29). Este é um dos tópicos abordados na pesquisa por meio dos questionários aos regentes, que busca constatar se este influencia na escolha do repertório e como trabalhar com o corista e o coral buscando a afinação do mesmo. Outros pontos de pesquisa foram a questão de repertório uníssono ou em vozes; a visão dos regentes quanto à escolha dos estilos musicais e também como realizar todo processo do coral de forma que este seja um trabalho estimulante e significativo nos âmbitos musicais e sociais.

Na análise dos dados relato as respostas dos regentes entrevistados nesta pesquisa, relacionando as informações com os autores citados no referencial teórico, dialogando sobre o perfil dos regentes frente aos corais e analisando os critérios mais usados pelos mesmos.

A escolha de repertório para canto coral exige conhecimento musical e sensibilidade, pois o regente precisa ter para esta função a capacidade de compreensão, num âmbito geral, sobre qualquer partitura que venha a ser trabalhada. E isto não somente no âmbito da leitura, mas a peça como um todo, refletindo sobre a mensagem que será transmitida e como esta deve ser executada musicalmente afim de gerar significado para os coristas e a plateia. Lembrando que o processo não é realizado de forma individualizada como o cantor solo ou um instrumentista, mas sim num grupo composto por pessoas com vivências distintas, que trazem consigo marcas musicais e sociais únicas. A o coral é uma oportunidade ímpar para inserir o indivíduo na vivência em comunidade, ora sendo ouvido, entendido, mas também aprendendo a ouvir e entender o outro.

2. Metodologia

Este trabalho refletiu sobre aspectos que compõem a escolha de repertório para canto coral infanto-juvenil. Foram escolhidos quatro regentes de escola regular para responder a um questionário, (anexo A). O propósito do trabalho não buscou definir o assunto, mas discutir e dialogar sobre como quatro regentes trabalham na preparação do repertório, mediante sua conduta de trabalho com o grupo, visando o bom aproveitamento do coral.

Segundo Bresler (2007), a pesquisa qualitativa tem como foco investigar situações de lugares diferentes, afim de compreender através de múltiplas fontes a experiência de vida de determinadas pessoas, sendo este o fio condutor da pesquisa. Por este motivo, a questão de pesquisa consistiu em saber como o regente concilia a escolha de repertório de forma que seja possível aos coristas resolverem as questões musicais com qualidade e também ser um conteúdo significativo à realidade de cada um.

A análise de forma indutiva é um método pelo qual se chega às leis gerais a partir de fatos particulares. Segundo Gil (1994, apud MULLER, 2009, p. 31), a generalização deve ser “constatada a partir da observação de um número de casos concretos suficientemente confirmadores da suposta realidade”. Tendo em mãos informações sobre vários casos separados, podemos analisar, interpretar e chegar às conclusões sobre um evento maior.

Neste trabalho, o questionário foi o principal instrumento de coleta de dados, com o cuidado para que as respostas tivessem influência nenhuma externa, mas sim, fossem a total reflexão do regente em relação ao seu coro. As perguntas foram elaboradas partindo das mais simples, chegando às mais



complexas conforme a orientação do Caderno de Ensino da UNIVALI, número 9 (2011). As perguntas foram abertas, dando ao regente a total liberdade na formulação das respostas.

Os regentes escolhidos são de escolas regulares de Itajaí, Balneário Camboriú e um coro jovem de São Paulo. Os regentes não serão expostos, sendo estes nomeados como R1, R2, R3 e R4. Os grupos em que os regentes atuam têm características distintas, e a questão é saber se existem diferenças na condução destes e quais são as necessidades dos mesmos para o sucesso da preparação e execução do repertório.

O coro do R1 é composto por crianças do pré I ao 5º ano com ênfase no repertório em uníssono e focando as datas comemorativas do calendário escolar; o R2 dirige um coro de crianças de 06 a 08 anos, o qual desenvolve um repertório eclético, composto por canções populares, folclóricas e composições do músico que o acompanha, este coro, por ser de escola regular e haver rotatividade entre os coristas já executou peças em vozes mas atualmente canta em uníssono; o R3 rege um coro de crianças e pré adolescentes onde coloca algumas inserções a duas vozes, contracanto e cânone. O repertório é composto por música popular, pop, samba, reggae ou tema de filme americano. O R4 rege um coro jovem cênico o qual executa peças a três vozes, este executa Música Popular Brasileira, Música Pop Internacional e Musical.

3. Critérios para elaboração do repertório infanto-juvenil

O trabalho da escolha do repertório vem antes do início do coral. Começa prevendo o número de coristas, ter claro a finalidade deste coro, se é um coro escolar, religioso, teatral entre outros, sem perder de vista que está lidando com crianças, adolescentes e jovens, sendo o mesmo um canal para a formação da maturidade do corista como cidadão (FIGUEIREDO, 2006). Mesmo no caso de um coro já formado, cabe sempre a reflexão do regente, em ver se o repertório está adequado com o perfil dos coristas. A forma que o regente conduz o grupo, ficará como exemplo para os relacionamentos do corista na sua vida adulta. O líder terá o papel de mediador, sendo responsável por manter um ambiente de cordialidade e respeito, onde todos possam expressar seus pensamentos e serem participantes na construção do trabalho coral. Figueiredo afirma também que um trabalho em equipe bem conduzido “prepara indivíduos para uma convivência positiva em sociedade. (2006, p. 10).

O repertório escolhido pelo regente deve estar de acordo com a capacidade dos coristas. O coro infanto-juvenil, na maioria das vezes terá como integrantes crianças, adolescentes e jovens que nunca cantaram em solo ou em grupo, cabendo ao regente introduzir peças condizentes com a maturidade vocal de cada um, para que o coro seja um canal de motivação na vida do corista, mostrando a ele que a arte do canto em grupo é acessível e possível a todos. “O maestro nunca deve desprezar a capacidade de seus coralistas. A adequação do repertório às condições levará a um resultado mais eficaz e de melhor qualidade” (MARTINEZ, 2000, p. 42).

Existem casos onde o regente ou o instrumentista compõem para o grupo. Este trabalho facilita a execução do repertório, pois o compositor conhece o grupo, assim, identifica o número de vozes possíveis para o mesmo, a tonalidade e as relações intervalares que o coro consegue realizar com afinado desejável, sendo tudo isto um conjunto facilitador no processo de preparação e apresentação do repertório.

Outro ponto importante na escolha do repertório é o próprio regente verificar se ele é capaz de executar as peças por ele escolhido ou em alguns casos, lideranças acima do regente, como coro municipal ou escolar, que sugerem determinadas peças que não estão dentro das habilidades possíveis de execução do próprio regente (dificuldades rítmicas, melódicas, estilos musicais). O coro dificilmente



conseguirá executar com êxito uma peça em que o regente não conseguiu resolver as questões melódicas e rítmicas de cada naipe e do coro como um todo.

O maestro obviamente deve se conhecer e saber se pode ou não trabalhar determinada obra, se possui conhecimentos suficientes para entendê-la. O simples fato de achar uma obra bela não é suficiente para ensaiá-la com seu coro. Se ele não possuir as mínimas condições para entender a obra, não saberá resolver os problemas que surgirem durante os ensaios (MARTINEZ, 2000, p. 42).

Um repertório mal escolhido influenciará na preparação do mesmo, muitas vezes levando o regente e coristas à ansiedade e até mesmo gerando receio em executar as peças, influenciando diretamente no bom ambiente do coro, podendo chegar ao ponto de coristas desistirem de participar do grupo. “O repertório, ou seja, o conjunto de obras que um determinado coro executa, é o elo principal entre todos os agentes que participam da atividade coral – coralistas, regente, público - e o fio condutor das atividades desenvolvidas pelo conjunto - ensaios, apresentações, etc.” (FIGUEIREDO, 2006, p. 25).

O trabalho desenvolvido pelo regente na escolha do repertório, começa no conhecimento do grupo, descobrindo quais as experiências vocais/musicais dos coristas, o tempo disponível para os ensaios e o nível de entrosamento entre os integrantes. “Lembrar-se sempre de que o cantor não tem o discurso musical inteiro, no processo de ensaio; ele depende de você para compreender o texto musical e realizá-lo por inteiro. O ajuste final é do regente mas, até lá, a orientação foi dada em função da disponibilidade do cantor” (KERR, 2006, p. 123).

A questão do repertório na prática coral influencia no processo de desenvolvimento, tanto dos coristas, como do coral. O repertório deve ser preparado objetivando que o grupo consiga resolver todas as dificuldades da peça, entrar no contexto da mesma e executá-la atento à dinâmica solicitada pelo compositor. Isto requer do regente conhecimento do seu grupo e também conhecimento musical, de forma que a cada repertório novo, estejam presentes novos desafios musicais ou de letras, tudo isso feito de forma gradativa, para o grupo entender que será um repertório possível de ser executado.

A desafinação geralmente está ligada com a dificuldade da criança em ouvir um som claramente, e assim dificultando a emissão do mesmo. Sobreira (2003) relata que o desafinado precisa passar pelo processo de desenvolvimento da percepção musical, usando este termo para definir a capacidade da criança de reconhecer a diferença de alturas das notas e intervalos, e assim, obtendo a capacidade de diferenciar e emitir os sons graves e agudos de uma determinada música, observando com qual intensidade (fraco ou forte), esta deve ser emitida, afim de obter o som pedido sem causar a desafinação.

A criança com vivência musical dentro de casa, onde ela canta com pais ou irmãos tem mais chance de ter esta percepção desenvolvida. “[...] não se pode afirmar que os desafinados tenham deficiências irreversíveis na discriminação auditiva. O resultado de sua pesquisa, que consistia em sessões de treinamento com crianças desafinadas, foi o de que, na maioria dos casos, a desafinação pode ser corrigida” (SOBREIRA, 2003, p. 60).

A tensão muscular e a falta de técnica vocal podem ser a causa da desafinação, estando os dois pontos ligados, pois uma criança muito tímida enrijece a musculatura do aparelho fonador, o que a impede de emitir os sons de forma correta, sendo necessário o trabalho da técnica vocal.

A desafinação está presente nos corais, primeiramente por ser uma dificuldade de uma mesma frequência (coral uníssono) ou um acorde (coral em vozes) ser cantado ao mesmo tempo por várias pessoas. A desafinação está ligada a diversos fatores, alguns são ressaltados por Sobreira (2003) que



exemplifica o fato do corista não conseguir ouvir perfeitamente o som, não ter a técnica suficiente de respiração para a emissão do som de forma precisa ou até mesmo o nervosismo, frente ao regente, colegas ou situações pessoais adversas.

Outro ponto de atenção por parte do regente é o fato do corista possuir algum problema fisiológico nas cordas vocais. Existem alguns casos onde é necessário um encaminhamento do corista para um tratamento clínico, para isso é importante o regente conhecer alguns sintomas de doenças nas pregas vocais. Não posso trabalhar com uma criança que tem problema clínico nas cordas vocais, e achar que somente vocalizes e exercícios irão resolver tal problema. Isso só vai piorar a situação (LAKSCHEVITZ, 2006, p. 45).

Para trabalhar a afinação uma sugestão é a de colocar a criança junto de outra mais experiente, sendo sua referência no grupo. Em alguns casos conforme a disponibilidade do regente, o atendimento individual com o corista. É uma ótima opção com o iniciante.

Antes de começar o trabalho de afinação de um coro em vozes, o regente pode proporcionar que o seu coral cante um bom tempo repertórios em uníssono. Um coro afinado, é aquele que primeiramente consegue em uníssono não perder a afinação, pois o som é emitido de uma forma em que, sem tirar a identidade vocal de cada corista, ouve-se uma só voz em harmonia.

O canto é uma forma de expressão musical que tem como um dos objetivos transmitir uma mensagem que tenha significado tanto para o cantor como para a plateia. Pensando neste fator, o canto em uníssono tem a facilidade de transmitir a mensagem com mais clareza, sendo assim um convite para que as pessoas cantem com o coro. Cantar em uníssono prepara para o canto em vozes. Existem formas de usar o uníssono, como o cânone ou o contracanto, técnicas que são usadas tanto pelos coros infanto-juvenis como pelos coros adultos.

À medida que o grupo for se entrosando (tanto musical quanto pessoalmente) o resultado se modificará, sem dúvida; mas investir num planejamento inicial que dê margem a uma boa produção musical utilizando repertório de peças simples – em uníssono, por exemplo – poderá conduzir, nesse primeiro contato do adolescente com o canto em grupo, à sensação de prazer que a atividade coral tão comumente oferece. (COSTA, 2009, p. 90).

O regente é o responsável por conduzir o grupo à maturidade musical, isto passa por compreender as noções de ritmo, altura, intensidade, não como uma matéria teórica, mas durante o processo do canto, trabalhar no grupo a consciência do grave ou agudo, se a intensidade dos naipes está equilibrada, se a melodia está em evidência e se o andamento está sendo mantido. O objetivo não é cantar determinado repertório, mas descobrir qual repertório o coral tem condição de executar. Se um coral consegue cantar uma melodia em uníssono corretamente, no andamento, observando a dinâmica pedida, futuramente conseguirá executar uma partitura em duas, três ou mais vozes. O processo deve ser gradativo, mas planejado para que haja crescimento musical no coro.

Poderíamos pensar em variados estilos musicais presentes nos corais, entre eles: samba, bossa nova, reggae, música regional, folclórica. Dentro de todos, o regente deve entender qual estilo é o mais condizente com a realidade do coro, não que este não possa realizar peças de outras culturas ou diferentes do contexto do grupo. Porém, este não deve ser o principal foco na escolha do repertório, e sim, algo a ser transmitido com naturalidade, e com o passar do tempo.



A busca do repertório vai ser isso: conscientizar o coro de que ele tem um recado a dar. Qual é esse recado? E, o caminho que tenho tentado seguir é o de fazer com que os grupos corais, sob a minha direção, discutam o porquê de estarem cantando, o que e como querem cantar. A partir das respostas, começo a organizar coralmente o repertório que delas surja (KERR, 2006, p. 133).

Se o repertório não tiver significado para os coristas, eles não conseguirão transmiti-la ao público, tornando algo sem significado para eles e para a plateia. A condução do regente frente ao coro é um dos fatores principais para que os coristas estejam abertos a estilos musicais diversificados. O diálogo com os coristas sobre o repertório precisa existir, não que essa escolha venha especificamente deles, mas o regente precisa saber o que os coristas entendem como repertório, se compreendem o porquê da escolha de determinadas peças. O regente precisa ser claro sobre as suas escolhas, mostrar seus objetivos para com o coro, esclarecendo que o repertório não é escolhido de forma aleatória, mas objetivando o crescimento musical dos coristas. Isto facilitará a receptividade do grupo frente às novas peças musicais.

Conviver com pessoas, participar de um grupo, é um aprendizado de descobertas, de troca de experiências, de aprender a compartilhar o que se tem. O regente é um líder, e junto com o grupo precisa definir com clareza os princípios que o regem, lembrando-se que as suas atitudes falam mais alto que as palavras.

Uma pessoa, para cantar no coro, tem que respeitar o colega. Tem que saber ouvir. Você não pode querer ser mais ou menos que ele, mas se colocar num lugar de igualdade. Tem que entrar na hora certa, seguir instruções do regente. [...] Da mesma forma que você depende do grupo, ele também depende de você. (LAKSCHEVITZ, 2006, p. 53).

Ao levar um repertório para o coral, o regente deve conversar com o grupo sobre a época em que foi escrito, a que cultura pertence, deixando claro ao coral o significado daquela música culturalmente e musicalmente. “Outra coisa é a formação da cidadania, de valores. Acho que hoje pouca importância é dada a isso. No aspecto intelectual, a criança alarga sua visão do mundo. Entra em contato com outros idiomas, outras culturas, outras eras” (LAKSCHEVITZ, 2006, p. 53).

Uma educação que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos, não produz aprendizagem alguma (Duarte Júnior, 1986). Por isso quando pensamos em repertório para canto coral de crianças e adolescentes, precisamos pesquisar e entender o contexto social e os significados que fazem sentido para o grupo, promovendo um diálogo entre a razão e as emoções.

4. Análise dos dados

As respostas dos quatro regentes foram interpretadas, e a análise dos dados foi separada por categorias, onde procuramos dialogar sobre: a postura do regente quanto à entrada de cantores no grupo; os critérios para a escolha de repertório infantil-juvenil; o nível de identificação do grupo quanto às peças escolhidas; a função do regente no contexto social onde o coro está inserido e a condução dos relacionamentos interpessoais.

Quanto aos critérios de entrada no coral, observamos que os regentes R1, R2 e R3 dão liberdade para todos que desejam participar do coral. Conforme a concepção de Samuel Kerr, o coro é para todos:



“[...] muito importante o regente saber propagar a alegria em cantar e convidar a todos, como se fosse, e como já dito, um terapeuta da comunidade” (2006, p. 122). O coral infanto-juvenil é uma porta de acesso para os que querem entrar no mundo da música, que deve estar aberta a todos que cantam ou desejam cantar em grupo. No caso do regente R4, vemos que a seleção existe por se tratar de um coro jovem, pertencente a uma universidade, com uma proposta cênica diferenciada, exigindo dos coristas independência musical por causa da divisão de naipes.

Quanto à desafinação, os regentes R1 e R2 relataram que mesmo as crianças desafinadas podem participar do coral. Já R3, expôs que não chama nenhum corista de desafinado, mas sim de afinandos. Relata que a maioria dos casos de desafinação está ligado ao fato da pessoa não ouvir corretamente o som, assim ela coloca o corista ao lado de uma criança que já canta corretamente. Segundo Figueiredo (2006) o corista pode ter problema de afinação não somente por causa auditiva ou emocional, mas também pela má emissão dos sons, deixando claro que a questão de afinação é amenizada gradativamente, conforme o trabalho musical do regente com o coro.

O R4, expõe que para entrada no grupo é feita uma seleção e um dos critérios é a afinação (por se tratar de um coro cênico). Mas destaca a questão da entrada de coristas que ainda não têm a independência vocal, afirmando que em pouco tempo adquirem segurança.

Um dos critérios utilizados na escolha de repertório é a seleção de peças em uníssono e/ou em vozes. Os regentes R1, R2 e R3 desenvolvem peças em uníssono com o coro, sendo que, o R2, anteriormente já realizou peças em vozes e o R3 inclui canções com contracanto e cânone. Conforme Zander (2008), o cânone é aconselhável para o desenvolvimento da independência vocal.

A escolha das peças para o coral precisa ser elaborada conforme a maturidade vocal do coro. Os coros dos R1, R2 e R3 são compostos por crianças e/ou pré-adolescentes, pertencentes a uma escola regular, sendo assim, ocorre uma grande rotatividade entre os cantores. Costa (2009), relata que o canto em uníssono contribui para que a entrada do adolescente no coral seja uma atividade prazerosa.

Outro critério colocado para reflexão, foi quanto à desafinação dos coristas. O R1, R3 e R4, relataram que a desafinação não influencia na escolha do repertório. O R2 relatou que em algumas vezes modifica o arranjo para que este fique apropriado para a execução do seu grupo. O R3, expôs que procura por peças fáceis, condizentes com a faixa etária do grupo. Borges (2003) diz que a flexibilidade faz parte do processo educativo, afim de ajustar o repertório à condição do coro.

Quanto ao estilo musical, os regentes R2, R3 e R4 colocaram que desenvolvem vários estilos da música popular, tais como: rock, samba e música pop internacional. O R1 não relatou a preocupação com estilos musicais, mas com as datas do calendário escolar. Conforme Kerr (2006), o coro precisa estar consciente que o repertório é um recado a dar, e a partir daí, discutir o quê e como.

Quanto à seleção do repertório, o R1 escolhe conforme a data comemorativa observando se a música é infantil e de letra compreensível. Os alunos da R1 não participam da escolha. O R2 e R3 escolhem o repertório com o grupo, procurando sempre peças conforme a faixa etária do coral, verificando se estes estão satisfeitos. O R2 faz variações com (pot-pourri), cânones e solos. O R3 comentou que em algumas ocasiões acontece do coro começar a cantar uma música de sua preferência e assim, ela vai à procura da partitura. O R4 escolhe repertório com pelo menos três vozes. Os coristas poucas vezes participam da escolha, mas sempre se identificam com as peças. Segundo Lakschevitz (2006), o repertório envolve questões musicais, sociais, culturais e educativas, portanto precisa ser contextualizado, para que seja prazeroso para o coral, regente e plateia.



Quanto à motivação diante do repertório, o R1 relatou que as crianças se animam em aprender uma música nova. O R2 disse que as menores gostam, já as mais velhas têm dificuldade com uma música um pouco infantil ou que não seja do seu gosto. O R3 relatou que quando apresenta uma nova música, geralmente não são todos que se identificam, mas ele conversa com o grupo sobre o tema, o compositor, a mensagem e o contexto da música, deixando assim os coristas falarem sobre acontecimentos que se identificam com a peça.

Sobre a participação da família no coral, R1, R2 e R3 relataram que a família participa da organização do coral, sendo que R2 explicou que mesmo as crianças sendo pequenas, elas gostam de resolver as questões referentes ao coro, como por exemplo, a escolha o uniforme. O R3 disse que além da instituição, os pais participam nas questões práticas, como as apresentações e seus recursos. R4, por ter um coro de universitários, não necessita dos pais na organização, mas eles participam ativamente como motivadores e plateia. Conforme Kerr (2006), o regente precisa convidar a todos para cantar, como se este fosse um terapeuta da comunidade. A família na maioria dos casos é o vínculo mais importante para o corista, sendo este, responsável por motivar e facilitar o acesso do mesmo aos ensaios e apresentações. Quando o regente tem os pais como parceiros, o coral tem um desenvolvimento melhor, refletindo diretamente no sucesso do trabalho. Mesmo com o coro jovem (R4), a família tem o papel de motivadora dos coristas, quando assistem as apresentações, demonstrando a valorização ao trabalho realizado pelo grupo.

Quanto ao relacionamento entre os cantores, o R1 relatou que se relacionam muito bem. O R2 e R3 colocaram que como são crianças e adolescentes, é normal acontecerem as intrigas, mas nos dois trabalhos percebe-se que as regras de relacionamento são bem colocadas, sendo o trabalho de equipe valorizado pelos coristas e os respectivos regentes, gerando um bom relacionamento. O R4 relatou que todos têm um forte vínculo, pois saem juntos e estão no grupo há vários anos, fazendo do coro um ambiente familiar para os participantes.

Quanto à contribuição do regente nos relacionamentos interpessoais, o R1 diz que procura ser sempre dinâmico, fazendo com que através de brincadeiras todos interajam entre si e queiram participar dos ensaios. R2, relatou que na primeira semana do ano conversa com o grupo e juntos estipulam as regras de convivência e respeito. Já R3 usa os conflitos que surgem para conversar com o grupo, expressando o valor das relações, incentivando que os coristas falem sobre o ocorrido, sendo assim mediador no conflito, que na maioria das vezes é solucionado. R4 contribui para o bom relacionamento do grupo, mostrando que se importa com eles não apenas como músicos, mas também como seres humanos. Figueiredo (2006), fala que tudo começa no relacionamento entre o regente e o corista, formando um vínculo entre si, em favor de um objetivo em comum.

Quanto à importância da parte musical e a de relacionamentos no coral, R1 deu maior peso (nota 10) na parte dos relacionamentos, relatando que alguns tem dificuldades em cantar as notas corretamente, mas interagem muito bem. O R2 deu peso maior na parte musical (nota 9), pois mesmo com a rotatividade das crianças no coral, ainda vê maior dificuldade nos relacionamentos por se tratar de crianças e adolescentes num mesmo grupo, dificultando um acordo entre eles quanto a escolha do repertório. R3 e R4 deram peso 10 ao desenvolvimento nos relacionamentos e musical. R3 relatou que não é possível separar no cantor a parte musical da parte dos relacionamentos, pois ambas caminham



juntas. A R4 disse que as atividades de teatro e o trabalho corporal ajudam muito para o autoconhecimento e conhecimento do outro, promovendo o fortalecimento dos vínculos e das relações.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como foco as relações interpessoais e a busca por critérios na escolha de repertório para coral infanto-juvenil, dialogando sobre a condução dos regentes na construção do trabalho. Analisando as respostas obtidas, constatou-se que quanto à entrada dos cantores, o objetivo principal é atender todas as pessoas que gostam e querem cantar, pois o coral é uma atividade de canto em grupo, acessível à todos. Sendo assim, é no processo dos ensaios que as dificuldades são pontuadas e trabalhadas com os coristas.

O próprio convívio no coro já contribui para o crescimento pessoal do cantor, tanto na parte musical, porque em alguns casos as pessoas não têm o hábito de cantar, como também na construção da autoconfiança, para que o corista vença a timidez no grupo e em público.

Nas respostas dos regentes, percebe-se que não existe uma forma específica de condução, mas sim, a responsabilidade de conduzir os ensaios de uma forma que construa um ambiente de respeito, através de brincadeiras, acordos com o grupo no início do ano respeitando as diferenças, que são normais entre crianças e adolescentes.

Nos critérios de escolha do repertório, concluímos que o processo deve estar adequado à realidade musical dos coristas, independente se é um samba, rock, reggae ou música pop internacional. O mais importante é que seja contextualizado com o grupo e também com a plateia que o assistirá.

A família tem o papel de auxiliar o regente e o grupo no processo das apresentações, principalmente na organização dos figurinos, viagens e os recursos necessários à realização da atividade. Ela tem o papel de apoiar, sendo que, quanto maior habilidade o regente tiver de conectá-los ao dia-a-dia do grupo, mais fácil e prazeroso será o desenvolvimento do trabalho para o regente e coristas, refletindo no resultado musical.

Esta pesquisa contribuiu muito na minha formação, pois com o diálogo entre os autores e a bibliografia lida, compreendi que o processo de desenvolvimento do coro infanto-juvenil é gradativo, constante e possível a todos que querem cantar, e o repertório deve ser planejado juntamente com os exercícios vocais ou até mesmo brincadeiras, de forma que promova o desenvolvimento do cantor em sua afinação e independência vocal. Desta forma, os relacionamentos interpessoais serão construídos num ambiente acolhedor, pois o foco estará em escolher peças condizentes com a maturidade vocal, faixa etária e interesse do coro.

REFERÊNCIAS

BORGES, Gilberto André. **Educação Musical nas escolas**: reflexão sobre a experiência desenvolvida junto da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Monografia de Graduação. Florianópolis: UDESC. 2003.

BRESLER, Liora. **Pesquisa qualitativa em educação musical**: contextos, características e possibilidades. Revista da ABEM. Porto Alegre. V. 16, 7-16. Mar. 2007.

CAVALCANTI, Nestor de Hollanda. **Às voltas com o canto coral**. In: Lakschevitz, Eduardo (Org.). Ensaios: Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de estudos de música coral/Oficina Coral,



2006. P. 54 – 117. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/pr ojetocoral/wpcontent/uploads/2012/07/LivroEnsaios_Ebook_28-08.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

COSTA, Patrícia. **Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade?** Música na educação básica. Porto Alegre. v. 1. n. 1. Outubro de 2009.

DUARTE JR João Francisco. **Por que arte-educação?** 3ª ed. Ed. Papirus. Campinas, 1986.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: Lakschevitz, Eduardo (Org.). Ensaios: Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de estudos de música coral/Oficina Coral, 2006. P. 03-28. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/pr ojetocoral/wpcontent/uploads/2012/07/LivroEnsaios_Ebook_28-08.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

KERR, Samuel. **Carta Canto coral I.** In: Lakschevitz, Eduardo (Org.). Ensaios: Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de estudos de música coral/Oficina Coral, 2006. P. 119-143. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/pr ojetocoral/wpcontent/uploads/2012/07/LivroEnsaios_Ebook_28-08.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

LAKSCHEVITZ, Elza. **Ensaios – Reflexões sobre aspectos da Prática Coral.** In: Lakschevitz, Eduardo (Org.). Ensaios: Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de estudos de música coral/Oficina Coral, 2006. P. 30-53. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/pr ojetocoral/wpcontent/uploads/2012/07/LivroEnsaios_Ebook_28-08.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

MARTINEZ, Emanuel. **Regência Coral; princípios básicos/** colaboradores Denise Sartori, Pedro Garcia, Rosemari Brack. Curitiba; 1ª edição, 2000.

MÜLLER, Cristiane. **O desenvolvimento de atividades em grupos vocais na perspectiva de quatro regentes.** 2009. 76 p.: TCC (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Curso de Música, Florianópolis, 2009.

PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA [recurso eletrônico]: a pesquisa e o ensaio/Universidade do Vale do Itajaí. – Itajaí: [Universidade do Vale do Itajaí], 2011. 133 f. il.– (Cadernos de ensino. Formação continuada. Ensino Superior; Ano 7, n.9).

SOBREIRA, Silvia Garcia/ **Desafinação vocal.** 2ª edição. Rio de Janeiro. 2003.

ZANDER, Oscar. **Regência Coral.** 6ª edição. Porto Alegre, RS. Ed. Movimento. 2008.



ANEXOS

ANEXO A – Questionário elaborado para esta pesquisa. As respostas permeiam o capítulo 3 do TCC.

- 1) Quando iniciou o coral e há quanto tempo você é o regente?
- 2) Como os alunos são escolhidos para participar do coro?
- 3) Quais são os estilos musicais cantados pelo grupo?
- 4) Quais os critérios usados para selecionar o repertório do coral?
- 5) Os alunos participam da escolha?
- 6) Você sabe qual estilo de música os coristas costumam ouvir no dia-a-dia?
- 7) Qual a motivação do grupo diante do repertório escolhido?
- 8) O repertório do coral é em uníssono ou em vozes?
- 9) Existem coristas desafinados? Como você trabalha para amenizar e/ou solucionar a questão?
- 10) A afinação/desafinação e problemas rítmicos dos cantores influenciam na escolha de repertório?
- 11) As famílias dos alunos participam das questões relacionadas com o coral? (Figurinos, transporte, viagens, etc.)
- 12) Qual a importância do coral na vida musical e pessoal dos seus coristas?
- 13) Como os alunos se relacionam entre si?
- 14) De que forma o regente pode trabalhar para que os coristas tenham um bom relacionamento?
- 15) Avaliando a prática diária com o seu coro, qual peso (de zero (0) a dez (10)) você daria para o trabalho de desenvolvimento musical e para a construção de um bom relacionamento entre os coristas?
 - Desenvolvimento musical - peso: ().
 - Relações entre os coristas – peso: ().Explique o porquê do seu trabalho ter maior ênfase ou igual peso nos dois tópicos.